

CORPOS QUE SENTEM DESEJOS: SEXUALIDADE EM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA, UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.

Eryk Matheus Ferreira Marques. (1)
Juliana Brito Cavalcante Assencio. (2.Orientadora)

(1) Universidade Estadual do Ceará-UECE. eryk.marques@aluno.uece.br

(2) Universidade Estadual do Ceará. julina.assencio@uece.br

Resumo: O presente trabalho traz um relato de experiência em sala de aula na bolsa de monitoria da disciplina de Educação Especial da FACEDI/UECE, no município de Itapipoca, Ceará. O método utilizado se configura como qualitativa do tipo relato de experiência, descrevendo a aula de Educação Especial e sexualidade vivenciada enquanto monitor da disciplina de Educação Especial. Pessoas com deficiências possuem o direito à educação sexual, por isso orientar os futuros docentes sobre sexualidade em portadores de deficiências se mostrou um desafio, sobretudo pelo pouco material disponível sobre o assunto. Debater e discutir sexualidade em pessoas com deficiência, não é só dizer que elas podem usufruir de uma relação estável, mas é também falar sobre suas vidas e suas possibilidades de viverem um papel onde elas podem interagir com toda a sociedade como qualquer pessoa.

Palavras-chave: Monitoria; Educação Especial; Sexualidade.

INTRODUÇÃO:

O trabalho traz um relato de experiência sobre atuação em sala de aula na bolsa de monitoria da disciplina de Educação Especial da FACEDI/UECE, no município de Itapipoca, Ceará. Foi uma atividade desenvolvida, no mês de abril de 2018, apresentado o relato da experiência, e da discussão de uma aula sobre educação especial e sexualidade, um assunto que trouxe uma série de discussões dentro da sala do sétimo semestre de pedagogia. Na aula onde o assunto foi abordado, foram utilizadas dinâmicas e textos para contextualizar os alunos no assunto em questão.

As bolsas estudantis surgem na Universidade pública como um meio de garantir a permanência universitária de estudantes que apresentam uma condição socioeconômica baixa. O programa de Monitoria Acadêmica- PROMAC, auxilia o estudante a aprofundar seus conhecimentos para ser um futuro docente.

O monitor em sala de aula, é um aprendiz do professor-orientador, onde ele vai ser motivado a aprender o ofício docente e ingressar na carreira, caso deseje. O docente e o educando juntos, irão ler os textos da disciplina, elaborarem discussões, produzirem materiais e dialogarem com a turma. O monitor tem uma carga horária de oito horas semanais, devendo todo mês fazer o registro da frequência para ser analisado pelo professor-orientador.

Educação Especial é uma das disciplinas do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará-UECE, do município de Itapipoca localizada na zona Norte do Estado do Ceará, onde é conhecida como FACEDI- Faculdade de Educação de Itapipoca.

É pensando nas possibilidades e nos limites da inclusão escolar, que se fez necessário abordar a temática da sexualidade em pessoas com deficiência, rompendo com o estigma de que são sujeitos assexuados, quebrando paradigmas relacionados a sexualidade. Como futuros docentes, é preciso compreender que todo ser humano possui desejos sexuais e que nossos alunos com algum tipo de deficiência, não são uma exceção a essa regra.

REFERENCIAL TEÓRICO.

A sexualidade humana é algo que está presente durante toda a vida. Ela começa a ficar mais acentuada na adolescência, quando os hormônios estão fazendo uma série de alterações no corpo e fazendo o processo de crescimento, principalmente das genitálias. É possível aprender sobre sexualidade em vários setores da sociedade, aprende-se com a mídia, na igreja, em casa, com os amigos, na internet e na escola.

Foucault (2017) na introdução de seu livro “História da sexualidade” fala de forma bem-posta, de como o sexo foi expulso da vida comum, da coletividade e se transformando em algo misterioso e de que não se deva falar, e de como ele foi transportado do espaço social para o quarto dos pais. Assim ele fala: “A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. [...] No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais” (Foucault, 2017, p. 7-8). Um único local onde a sexualidade pode ocorrer, é entre um casal heterossexual, dentro do quarto do casal. Não se permite que a escola trate desse assunto.

Embora a instituição escolar seja, no imaginário coletivo, o lugar onde não se fala de sexualidade, Lopes (2016) usa o termo “dessexualização do espaço escolar” para falar sobre como a instituição de ensino de sua época buscava, com esforços, ações para desviar ao máximo a atenção de alunos e professores para a questão da sexualidade. Todavia, a escola é um espaço “sexualizado”. Foucault (2017) comenta que pode-se imaginar que na escola não se fala de sexo, mas, para o autor, basta olharmos para os dispositivos arquitetônicos, as múltiplas disciplinas e a forma da organização interior da escola para sabermos que lá se o discurso sexual é continuamente lembrado. O espaço das salas de aulas, a separação dos

dormitórios, regulamentos criados para a vigilância dos alunos das escolas do século XVIII, apontam para a sexualidade das crianças.

A escola fala sobre a sexualidade de seus alunos através de uma variedade de métodos e práticas, seja no discurso do silêncio, nas práticas pedagógicas de repressão ou higienistas, de prevenção e cuidado com o corpo. Mesmo assim, ainda é escasso discussões no ambiente escolar sobre a vida sexual e os desejos dos alunos, sobretudo de pessoas com deficiência e dos alunos que estão em fase de crescimento e adentrando na adolescência. O silêncio sobre a sexualidade torna-se mais repressivo com pessoas que possuem algum tipo de deficiência física ou cognitiva.

Para Marcedo e Terrassi (2009) o desejo e os sinais de descobertas da sexualidade são sinais de saúde, o corpo está passando por transformações e por isso, buscará se satisfazer. Contudo, a descoberta de desejos em pessoa com deficiência (s) não é vista como normal, mas sim como cheia de problemas, por conta disso pouco se fala sobre ou o silêncio é total. Macedo e Terrassi afirmam: “Em geral, pessoas com deficiência são privadas de orientação sexual e é essa desinformação geral que estimula o preconceito, e restringe o direito dessas pessoas ao exercício de uma vida sexual livre, plena e satisfatória.” (MACEDO; TERRASSI, 2009, p.204).

Pessoas com deficiências possuem o direito à educação sexual. Não possuímos na literatura e nas grandes mídias exemplos de pessoas com limitações que vivam a fase da descoberta de seus desejos ou que se sentem pertencente a outro gênero. A pessoa com deficiência é tida como alguém assexuado, infantil e que não tem tempo para descobrir e experimentar desejos.

Sobre esse assunto, Maia e Ribeiro (2010) discorrem sobre alguns mitos e ideias preconceituosas que se tem sobre a sexualidade de pessoas com deficiência (s). No artigo “Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiência” as autoras discorrem de forma crítica cinco mitos que são criados sobre o desejo sexual em portadores de deficiência. Elas afirmam que essas ideias mostram como normas de normalidades se tornam um obstáculo para a vida sexual de pessoas com algum tipo de limitação. Apresentamos abaixo os cinco mitos mostrados pelas autoras e um breve resumo sobre cada um.

1) **Pessoas com deficiência são assexuadas: não tem sentimentos, pensamentos e necessidades sexuais.** Acredita-se que por serem dependentes em alguns aspectos, são infantis e, portanto, assexuados. Não se fala sobre sexo para quem é assexuado. Isso não

deveria ser pensado dessa maneira, pessoas com deficiência podem ter uma educação sexual, que pode possibilitar no cuidado contra situações de abuso.

2) Pessoas com deficiência são hipersexuadas: seus desejos são incontroláveis e exacerbados. A expressão sexual explícita para quem tem deficiência é uma perversão.

Por causa do grande número de comportamentos sexuais públicos, principalmente entre pessoas que possuem deficiência intelectual, tem-se a ideia de que sua sexualidade é exagerada. Isso se dá pelo fato de terem poucas informações sobre sexualidade e pouca oportunidade de socialização.

3) Pessoas com deficiência são poucos atraentes, indesejáveis e incapazes de conquistar um parceiro amoroso e manter um vínculo estável de relacionamento amoroso e sexual. Os padrões de normalidade da sociedade, colocam como belo e protagonistas do sexo pessoas com o corpo magro, perfeito e com boa saúde. As pessoas com deficiência por apresentarem uma limitação no corpo, sofrem o estigma de que não são atraentes e que não se satisfazem sexualmente, são consideradas pessoas que de alguma forma apresentam dificuldades.

4) Pessoas com deficiência não conseguem usufruir o sexo normal que é espontâneo e envolve a penetração seguida de orgasmo, por isso, são pessoas que têm sempre disfunções sexuais relacionadas ao desejo à excitação e ao orgasmo. Existe uma crença geral de que existe um sexo ideal. Homens e mulheres são retratados na mídia e nos livros como prontos para se beijarem e terem relações que gerarão filhos. O foco é centrado no orgasmo e na penetração. O sexo só é considerado sexo se haver penetração, é difícil em nossa sociedade pensar em outras maneiras de se relacionar sexualmente.

5) A reprodução para pessoas com deficiência é sempre problemática porque são estéreis, geram filhos com deficiência e ou não tem condições de cuidar deles. Há casos em que a deficiência compromete a fertilidade reprodutiva da pessoa, porém, não ter a possibilidade de gerar filhos não torna uma pessoa assexuada e nem impede que ela se relacione com outras e crie vínculos afetivos. A deficiência nem sempre pode ser hereditária, pode existir pessoas que possuem alguma deficiência que seus filhos não nasceram com alguma. É importante lembrar que em casos de infertilidade o casal pode optar por adoção de filhos, assim como os casais que não possuem deficiência.

As autoras também comentam no artigo que quando se trata de homossexualidade e comportamentos homoafetivos, tem-se a ideia de que não existem sujeitos com alguma deficiência (s) que podem apresentar em suas vidas o desejo sexual por uma pessoa do mesmo sexo. A heteronormatividade, portanto, se impõe também nas pessoas com deficiência (s).

Assim como na sociedade existem pessoas que apresentam desejos homossexuais, na população que apresenta deficiência também encontraremos gays e lésbicas, isso é algo que precisa ser considerado por aqueles que pretendem trabalhar e respeitar a diversidade humana em sala de aula.

A educação sexual para pessoas com deficiências apresenta barreiras que foram elencadas acima, oferecer esse tipo de educação pode ajudar na prevenção de abusos e preconceitos que permeiam a sexualidade da pessoa com deficiência. É fato que historicamente foi negado à população com deficiência o direito de acesso à educação, contudo, com as reivindicações feitas ao longo dos anos a escola começou a incluir essas pessoas em suas salas de aulas. O papel do professor, e também da família, é de ensinar e dá uma educação sexual para seus alunos/filhos que tem alguma deficiência, assim, pode-se pensar a sexualidade de pessoas com deficiência com mais naturalidade.

METODOLOGIA.

A pesquisa se configura como qualitativa do tipo relato de experiência, exploratório e descritiva. Apresenta a aula de Educação Especial e sexualidade, vivenciada enquanto monitor da disciplina de Educação Especial, na Faculdade de Educação de Itapipoca/FACEDI, no município de Itapipoca/Ce.

A priori foram feitos 2 encontros na própria Universidade, junto com a professora-orientadora para discutirmos os textos que seriam abordados em sala de aula e o como se realizaria. Os textos escolhidos para a discussão com os alunos foram “A sexualidade do Portador de Transtornos Invasivos do Desenvolvimento” (Texto 1), de Roberto Antonucci, disponível no livro *Transtornos Invasivos do Desenvolvimento: 3º Milênio*. (2005) que foi coordenado por Walter Camargo Jr e colaboradores. O texto escolhido se encontra na página 93. O outro texto é de Deborah Britzman, “Curiosidade, sexualidade e currículo” (Texto 2), encontrado no livro *O Corpo Educado* (2016) organizado por Guacira Lopes Louro. O texto se encontra na página 83.

Foi pedido aos alunos que lessem os textos, para que em aula fosse discutido o assunto. Usamos o texto número 1 para elaborar uma gincana que faríamos com eles no começo da aula. A gincana consistia em situações vivenciadas por pessoas com deficiência, onde elas expressam suas angústias e dúvidas sobre sexualidade e os alunos, que serão futuros professores, responderiam como agiriam nessas situações. Escritas em folhas A4, as cenas foram fixadas embaixo das cadeiras de alguns alunos, que depois da recepção na sala e um

breve comentário sobre o assunto, foram pedidos que olhassem para baixo do assento. Os alunos que encontraram as folhas se levantaram foram para um local da sala, eles seriam as pessoas descritas no papel e o restante da sala comentaria o assunto. Algumas situações que colocamos para os alunos refletirem foram:

- Gustavo um aluno que apresenta TID se masturba em sala de aula. O que o professor pode fazer nessa situação?
- Algumas meninas com TID e Down de uma sala de aula estão se tornando moças, como o assunto da menstruação pode ser abordado?
- A família de um rapaz com TID quer levá-lo a um prostíbulo para ingressá-lo na vida sexual. O que o professor pode fazer quanto a isso?
- Uma aluna com Down se encontra grávida, mas meus pais não acreditam que posso continuar com a gravidez. Como o educador pode conversar com a família?
- Felipe é cadeirante e tem vergonha de paquerar, ele diz que as pessoas não gostarão dele. Como podemos conversar com Felipe sobre autoestima?

As situações eram respondidas pelos alunos conforme o que leram no texto e com experiências que eles mesmos presenciaram ou ouviram falar. Após essa atividade, usamos o texto 2 para abordar a questão da sexualidade. Britzman (2017, p.85) começa o texto se indagando “O que acontece com a sexualidade quando professores e professoras que trabalham no currículo da escola começam a discutir seus significados? [...] Quando os professores pensam sobre sexualidade, o que é que eles pensam?” Foi com essa indagação que começamos a discutir o conceito de sexualidade, primeiro colhemos as informações que os alunos tinham sobre o assunto e os escrevemos no quadro, depois, explicamos à luz do texto da Britzman e de Freud sobre sexualidade.

Para encerrar à aula, apresentamos aos alunos o vídeo de Leandrinha Du Art, uma pessoa que apresenta muitas deficiências e que se define como mulher trans. O vídeo se encontra em seu canal do YouTube com o título “Quer me conhecer melhor?” E na época, contava com 13.591 visualizações. Com o vídeo, tivemos a oportunidade de discutir gênero e homossexualidade em pessoas com deficiência. Após o vídeo, mostramos o caso de Cíntia, uma mãe com Síndrome de Down, o título do vídeo é “Programa Especial – Cíntia, mãe com Síndrome de Down” e constava com 277.000 visualizações. Abordamos o assunto da gravidez e possibilidade de casamento e vida afetiva e sexual com portadores de Down e outros tipos de deficiência. A aula se encerrou com considerações finais da professora-orientadora sobre o assunto que seguidos de comentários dos alunos sobre o que foi exposto na aula.

Compreende-se que os alunos associam o assunto de sexualidade com as palavras cuidados, tabu, mas o que chamou a atenção foi que alguns argumentaram que existe uma idade ideal (dez anos) para se começar a falar sobre educação sexual, e quando isso chega a pessoa com deficiência (s) se torna mais complicado.

Com a exibição do vídeo da ativista, fotógrafa e mulher trans Leandrinha Du Art, percebeu-se que houve um choque entre os alunos, incluindo aqueles que se declaram homossexuais. O choque se deu pelo fato de que nunca tinham visto alguém que possui uma deficiência transicionar de gênero ou ter desejos sexuais pelo mesmo sexo. Na exibição do vídeo as expressões faciais demonstravam surpresa, curiosidade e alguns pareciam não acreditar no que estavam vendo. Assim como ainda é difícil abordar o assunto diversidade sexual na sala de aula, percebeu-se que isso se torna mais difícil quando imaginamos alguém cego, surdo-mudo, Down ou autista que seja gay, lésbica ou que se identifique com o outro gênero e queira fazer a transição. O assunto foi abordado de maneira que os alunos esclarecessem suas dúvidas, foi debatido que possuir uma deficiência no corpo não anula o desejo sexual (heterossexuais ou não-heterossexuais) e que as pessoas independentemente de possuírem deficiência ou não, podem expressarem diversidade em relação a sexualidade e ao gênero.

Ao final da aula, pude perceber que os alunos aprovaram o método de dinâmicas e vídeos para discutir o assunto. Na hora da dinâmica do texto 1, todo participaram de forma espontânea, teve alguns que se mostraram relutantes em responder as questões apresentadas, todavia, quando um colega se manifestava, imediatamente outras vozes apareciam para falar sobre o que estava sendo comentado.

Percebi pela fala dos educandos no final da aula que muitas das ideias que possuíam sobre pessoas com algum tipo de deficiência não demonstrarem desejo sexual começou a ser mudada. Comentários sobre a gravidez de Cíntia, a mãe com Down demonstrou que para os alunos a ideia de uma pessoa com limitações possuir uma família começou a ser desconstruída. Um aluno da sala possui uma filha com autismo e desabafou que ainda mantém certa relutância ao pensar sobre o assunto. O aluno, sua filha e sua esposa cuidam da menina e ficou expresso que ainda mantém algumas dúvidas sobre a questão.

Não é difícil compreender que alguns alunos ainda podem apresentar certa resistência para falar sobre sexualidade em pessoas com deficiência, uma única aula não seria o suficiente para abandonar todas as crenças erradas que foram acumuladas durante os anos. Porém, o primeiro passo em direção a uma discussão que promova inclusão foi começado, as

respostas e os meios para lidarem com alunos com deficiência e sexualidade foram esclarecidas na medida do possível e podem auxiliar na futura prática docente de cada um.

No final, ao indagar os alunos sobre qual era o papel do professor quanto a temática da sexualidade em alunos com algum tipo de deficiência, foi observado que para a maioria dos alunos o professor tem papel fundamental nessas questões, todavia, ele não trabalha sozinho. O professor (a) deve buscar parcerias com outros tipos de profissionais para que a aprendizagem e a socialização da pessoa com deficiência possam ter melhores resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO.

Orientar os futuros docentes sobre sexualidade em portadores de deficiências se mostrou um desafio, sobretudo pelo pouco material disponível sobre o assunto. Para poder unir dois temas que historicamente foram rejeitados pela sociedade foi necessário fazer leitura de livros que tratassem de sexualidade e deficiência, bem como vídeos disponíveis na internet e artigos encontrados na web.

Foi descoberto que a priori os alunos já tinham presenciado casos de pessoas com algum tipo de deficiência que demonstraram expressões de sexualidade, em casa, na escola ou em outros ambientes. Destacou-se nas falas de uma das alunas a seguinte situação: a mãe de um portador de deficiência cognitiva acostumou o filho a ir a um prostíbulo ter relações sexuais, e em determinado dia, enquanto estavam na igreja, o jovem disse em voz alta que já estava na hora de visitar a mulher com quem mantinha relações. Foi percebido e discutido nessa fala como uma educação sexual não se limita somente aos adolescentes e jovens portadores e deficiência, mas se faz necessário também com professores e a família.

Durante o momento de exploração do texto 2, descobrimos que os discentes do 7º semestre de pedagogia da FACEDI/UECE possuíam uma visão de sexualidade que era apoiada no ideal de saúde higienista, como o cuidado do corpo, o sexo seguro para evitar gravidez e Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Usando-se do começo do texto de Britzman (2016) quando ela se indaga sobre o que pensam os educadores sobre sexualidade, obtivemos as seguintes respostas dos alunos expressadas em palavras que foram escritas no quadro.

As respostas dadas pelos alunos foram transcritas no quadro da sala e enumeramos elas na seguinte ordem: 1) Naturalidade; 2) Temas transversais; 3) Palestras/ Seminários; 4) Família (Repressão); 5) Medo de se abordar; 6) Respeito (normal); 7) Situações específicas; 8)

Sexualidade: idade específica, 10 anos; 9) Cuidado; 10) Gênero; 11) Tabu; 12) Se abstém; 13) Celular.

Compreende-se que os alunos associam o assunto de sexualidade com as palavras cuidados, tabu, mas o que chamou a atenção foi que alguns argumentaram que existe uma idade ideal (dez anos) para se começar a falar sobre educação sexual, e quando isso chega a pessoa com deficiência (s) se torna mais complicado.

Com a exibição do vídeo da ativista, fotógrafa e mulher trans Leandrinha Du Art, percebeu-se que houve um choque entre os alunos, incluindo aqueles que se declaram homossexuais. O choque se deu pelo fato de que nunca tinham visto alguém que possui uma deficiência transicionar de gênero ou ter desejos sexuais pelo mesmo sexo. Na exibição do vídeo as expressões faciais demonstravam surpresa, curiosidade e alguns pareciam não acreditar no que estavam vendo. Assim como ainda é difícil abordar o assunto diversidade sexual na sala de aula, percebeu-se que isso se torna mais difícil quando imaginamos alguém cego, surdo-mudo, Down ou autista que seja gay, lésbica ou que se identifique com o outro gênero e queira fazer a transição. O assunto foi abordado de maneira que os alunos esclarecessem suas dúvidas, foi debatido que possuir uma deficiência no corpo não anula o desejo sexual (heterossexuais ou não-heterossexuais) e que as pessoas independentemente de possuírem deficiência ou não, podem expressarem diversidade em relação a sexualidade e ao gênero.

Ao final da aula, pude perceber que os alunos aprovaram o método de dinâmicas e vídeos para discutir o assunto. Na hora da dinâmica do texto 1, todos participaram de forma espontânea, alguns e se mostraram relutantes em responder as questões apresentadas, todavia, quando um colega se manifestava, imediatamente outras vozes apareciam para falar sobre o que estava sendo comentado.

Percebi pela fala dos educandos no final da aula, que a ideia de que pessoas com algum tipo de deficiência não demonstravam ou sentiam desejo sexual começou a ser mudada. Comentários sobre a gravidez de Cíntia, a mãe com Down, demonstrou que para os alunos a ideia de uma pessoa com limitações possuir uma família começou a ser desconstruída. Um aluno da sala possui uma filha com autismo e desabafou que ainda mantém certa relutância ao pensar sobre o assunto. O aluno, sua filha e sua esposa cuidam da menina e ficou expresso que ainda mantém algumas dúvidas sobre a questão.

Não é difícil compreender que alguns alunos ainda podem apresentar certa resistência para falar sobre sexualidade em pessoas com deficiência, uma única aula não seria o suficiente para abandonar todas as crenças erradas que foram acumuladas durante os anos.

Porém, o primeiro passo em direção à uma discussão que promova inclusão foi começado, as respostas e os meios para lidarem com alunos com deficiência e sexualidade foram esclarecidas na medida do possível e podem auxiliar na futura prática docente de cada um.

No final, ao indagar os alunos sobre qual era o papel do professor quanto a temática da sexualidade em alunos com algum tipo de deficiência, foi observado que para a maioria dos alunos o professor tem papel fundamental nessas questões, todavia, ele não trabalha sozinho. O professor (a) deve buscar parcerias com outros tipos de profissionais para que a aprendizagem e a socialização da pessoa com deficiência possam ter melhores resultados.

CONCLUSÃO

Conclui-se que a experiência como monitor da disciplina de Educação Especial na Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI/UECE) possibilitou a aprendizagem de assuntos que eram então desconhecidos no campo da educação especial e sexualidade. As intervenções que houve na aula com o auxílio da professora-orientadora contribuí de forma a esclarecer o assunto da sexualidade, sobretudo nos textos de Freud, onde ele aborda a sexualidade na criança.

Em tempos onde se fala de Inclusão Escolar, pude aprender que ainda temos um caminho longo a trilhar quando se fala de direitos e inclusão de pessoas com deficiência na sociedade, sobretudo na questão sexual dentro da escola e em outros ambientes. Com a aula sobre a temática foram desfeitos mitos e acrescentados conhecimentos que poderemos levar por toda a vida e para a prática docente.

Debater e discutir sexualidade em pessoas com deficiência, não é só dizer que elas podem usufruir de uma relação estável, mas é também falar sobre suas vidas e suas possibilidades de vivenciarem um papel onde elas podem interagir com toda a sociedade como qualquer pessoa. É falar que podem amar e serem amadas, experimentar prazeres e descobrir as manifestações da puberdade como qualquer outro adolescente, também é falar de cuidados e prevenção de abusos e IST. Cabe aos professores, profissionais da área da saúde, da assistência social e da família possibilitarem à pessoa com deficiência uma experiência de inclusão plena na sociedade, dando-lhe o direito de descobrir e viver sua sexualidade.

REFERÊNCIAS:

ANTONUCCI, Roberto. **Sexualidade dos portadores de transtornos invasivos de desenvolvimento.** In: Camargos Jr., Walter (coord.) *Transtornos Invasivos do Desenvolvimento: 3o Milênio / Walter Camargos Jr e colaboradores.* -Brasília: Presidência da República, Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 2005. p. 93-99

BRITZMAN, Deborah. **Curiosidade, sexualidade e currículo.** In: *O corpo Educado: pedagogias da sexualidade / Guacira Lopes Louro (organizadora); Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva – 3.ed.; 2. reimp.* - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. p.85-111.

FREUD, Sigmund, 1856-1939. **Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905) / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza.** -1ª ed. - São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

FOUCAULT, Michael, 1926-1984. **História da Sexualidade 1: A vontade de Saber,** tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A Guilhon Albuquerque . - 5ª ed. - Rio de Janeiro/ São Paulo, Paz e Terra, 2017. - (Coleção Biblioteca de Filosofia)

LEANDRINHA DU ART. **Quer me conhecer melhor?** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=AgO-PtaqGt4>> Acesso em 5 set. 2018

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da Sexualidade.** In: *O corpo Educado: pedagogias da sexualidade / Guacira Lopes Louro (organizadora); Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva – 3.ed.; 2. reimp.* - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. p.09-34.

MACEDO, Fernanda Nunes; TERRASI, Elaine Pereira. **Sexualidade de adolescentes portadores de diferentes deficiências .** In: *Educação inclusiva, deficiência e contexto social: questões contemporâneas/ Féliz Díaz, Miguel Bordas, Nelma Galvão, Theresinha Miranda, organizadores; autores, Elias Souza dos Santos... [et al.].* - Salvador: EDUFBA, 2009. p. 203-209

MAIA, Ana Claudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências.** *Rev. bras. educ. especial* [online]. 2010, vol.16, n.2, pp.159-176. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-65382010000200002&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em 07 set. 2018

PROGRAMA ESPECIAL. Programa Especial – Cíntia, mãe com Síndrome de Down. Disponível em : <<https://www.youtube.com/watch?v=AyHii8WZU88>> Acesso em 5 set. 2018